

ANGELA CARNEIRO e MARCELA CÁLAMO

Rodas, pra que te quero!

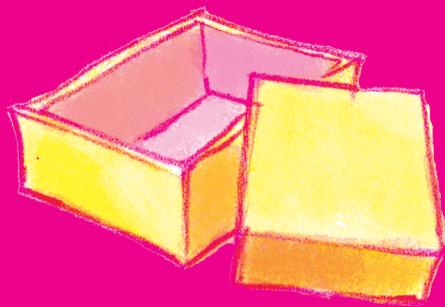


Ilustração
LAURENT CARDON

ea
editora ática

Rodas, pra que te quero!

© Angela Carneiro e Marcela Cálamo, 2006

Diretor editorial	<i>Fernando Paixão</i>
Editora	<i>Claudia Morales</i>
Editora assistente	<i>Elza Mendes</i>
Coordenadora de revisão	<i>Ivany Picasso Batista</i>

Arte	
Editor	<i>Antonio Paulos</i>
Diagramador	<i>Claudemir Camargo</i>
Projeto gráfico e diagramação	<i>Gislaine Ribeiro</i>

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C287r

Carneiro, Angela

Rodas, pra que te quero! / Angela Carneiro, Marcela
Cálamo ; ilustrações Laurent Cardon. - São Paulo : Ática,
2008.

56p. : il.

ISBN 978-85-08-10289-1

1. Paraplégicos - Literatura infantojuvenil. 2.
Metabolismo. I. Cálamo, Marcela. II. Cardon, Laurent. III.
Título.

06-1566.

CDD 028.5
CDU 087.5

ISBN 978 85 08 10289-1 (aluno)

CL: 735353

CAE: 209270

2019

1ª edição

15ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2006

Avenida das Nações Unidas, 7221, Pinheiros – CEP 05425-902 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

- 1 AS RODAS 5
- 2 A MUDANÇA 9
- 3 O NOVO COLÉGIO 11
- 4 AS NOVIDADES 16
- 5 A RAINHA 18
- 6 OS SONHOS 21
- 7 O FIM DE ANO 23
- 8 O NATAL 28
- 9 O PRESENTE DE NATAL 34
- 10 A NOVA FISIOTERAPEUTA 37
- 11 MISTÉRIO 42
- 12 VOLTA ÀS AULAS 45
- 13 A NOVA AMIGA 48



1 AS RODAS

Tchela sabia que tudo, exatamente tudo, quanto era animal tinha seu jeitinho próprio de andar. Caramujo se arrastava e carregava a casa nas costas. Parecia prático ter sempre uma casa pra morar em qualquer lugar que fosse, poder passear pra onde quer que sonhasse e, pimba!, se chovesse, lá estava sua casinha. Por outro lado, era pesado e o bichinho se arrastava, arrastava, demorava. . . tartaruga também era bicho de vagarosidade. Ah, mas os flamingos! Tchela adorava aqueles bichos cor-de-rosa, que dançavam engraçado e em bando.

Mesmo as gentes tinham seu jeito próprio. Um andava curvado, outro espigado como quem engoliu um cabo de vassoura. Outro de patins, outro de carro, bicicleta. Até um com compridas pernas de pau, Tchela viu pela janela.

Agora ela teria rodas. Isso mesmo, rodas!, foi o que o médico dissera. Quatro, e não duas como a de sua bicicleta que tantos tombos lhe dera. Quatro rodas de uma confortável cadeira.

Tchela ouvia seus pais conversando baixinho como se fosse segredo. Mas segredo secreto de amor na noite de silêncio, pra quem é curioso e quer saber de conversa de adulto, é como se gritado. E Tchela ouviu:

- É melhor a gente se mudar. Precisamos morar na capital.
- E seu trabalho, querido?
- Eu me viro. Aqui Tchela não vai ter cuidado especial, ela precisa de cuidado especial, de exercício certo. E as portas são pequenas para a cadeira.
- Então, está certo, querido. A gente se muda. A gente vai pra capital. A gente se arruma.

Mudar, para Tchela, era ficar muda. Tchela então nada disse. E arrumar, para Tchela, era tomar um rumo, e Tchela sabia que rumo era coisa boa, coisa para ir, e ela podia ir pra todos os lugares em suas rodas.

Olhou então para a caixinha que o médico tinha lhe dado. O nome do médico era Rodrigo, e ele era um cara muito legal. Tão legal, que Tchela nunca o chamava pelo nome, dizia sempre “Queridinho”. Durante todo tempo que Tchela ficara no hospital, apesar de muito ocupado com os outros pacientes, ele, Dr. Rodrigo, arrumava sempre tempo para contar



histórias. Cada dia trazia um livro diferente, e contava histórias das coisas, dos bichos. No dia em que Tchela recebeu alta, Dr. Rodrigo, ao se despedir, deu a ela uma caixinha de madeira pintada de amarelo brilhante, e disse:

– Essa caixa é sua, é um presente. Mas não é para abrir agora. Você só vai abri-la em um dia especial, no dia em que você tiver certeza de que está na hora de abrir. Não vai ser num momento de tristeza, nem vai ser num momento de alegria. Vai ser num momento de certeza!

